

CAPÍTULO 7

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO E PERFORMANCE NA POLÍTICA DIGITAL: A IMAGEM DE NIKOLAS FERREIRA ENTRE RETÓRICA E ESPETÁCULO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.795172509057>

Data de aceite: 18/06/2025

Geraldo Pieroni

Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV); professor-pesquisador no PPGCom/UTP, Curitiba, Paraná

Paulo Fortunato

Mestrando no PPGCom/UTP, Curitiba, Paraná.

RESUMO: O artigo analisa uma imagem extraída de um vídeo publicado pelo deputado Nikolas Ferreira em 2025, no qual se aborda a possível taxação do sistema de pagamentos instantâneos, o PIX. Proveniente de um conteúdo multimodal, o vídeo e sua imagem congelada constituem um exemplo paradigmático de comunicação digital nas redes sociais contemporâneas. O conteúdo é marcado por sua ambiguidade: ao mesmo tempo em que nega a taxação, insinua sua viabilidade futura, instaurando uma tensão retórica entre o fato e a especulação. Essa ambivalência discursiva opera como um dispositivo de mobilização afetiva, orientado à manipulação emocional e ao engajamento do público em torno de uma narrativa alarmista. Nesse cenário, a imagem revela como atores políticos

instrumentalizam as plataformas digitais para estabelecer conexões diretas com a audiência, explorando dinâmicas de polarização, desinformação e performatividade. A crítica aponta, assim, para a convergência entre espetáculo e simulacro, em que a política é encenada como performance. Nesse regime de visibilidade, o esclarecimento factual cede lugar à manipulação simbólica, e a razão pública é substituída por afetos mobilizados em tempo real, com vistas à produção de impacto emocional imediato.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação política; Performance; Política digital; Nikolas Ferreira.

HISTORY OF COMMUNICATION AND PERFORMANCE IN DIGITAL POLITICS: THE IMAGE OF NIKOLAS FERREIRA BETWEEN RHETORIC AND SPECTACLE

ABSTRACT: This study analyzes an image extracted from a video published by Nikolas Ferreira in 2025, addressing the potential taxation of the PIX system. This image, taken from a multimodal content, exemplifies digital political communication on social media. By freezing a specific

moment of the video, the image highlights non-verbal and symbolic elements that contribute to the construction of a strategic message. The image is characterized by its ambiguity, as it conveys the idea that the PIX will not be taxed while also suggesting the possibility of future taxation, creating a tension between facts and speculation. This discursive tactic aims to manipulate emotions and engage the public around an alarming narrative. The context of its production is significant, considering Brazil's political and economic landscape in 2025, with debates over the instant payment system. The image exemplifies how political figures like Ferreira use digital platforms to connect with the public directly, exploiting the logic of polarization and misinformation. The analysis reveals the convergence between spectacle and simulacrum, where politics becomes performance to create an immediate and emotional symbolic impact, without necessarily aiming to clarify factual truth.

KEYWORDS: Communication, Performance, Digital Politics, Nikolas Ferreira

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO E PERFORMANCE NA POLÍTICA DIGITAL: A IMAGEM DE NIKOLAS FERREIRA ENTRE RETÓRICA E ESPETÁCULO



A história da comunicação pode ser compreendida como um processo contínuo de transformação dos meios, das formas e das funções discursivas. Da oralidade ritual das sociedades tradicionais à escrita normativa das burocracias modernas, passando pela tipografia que fomentou a esfera pública iluminista, cada etapa desse percurso reconfigurou os modos de enunciação, os dispositivos de autoridade e os regimes de verdade.

Este artigo inserido no contexto da disciplina História da Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagem (Mestrado e Doutorado) da Universidade Tuiuti do Paraná, apresenta como as práticas comunicacionais foram moldadas por contextos históricos específicos, o que torna essencial abordá-las a partir de uma perspectiva crítica da contemporaneidade.

Michel de Certeau e Roger Chartier, dois renomados historiadores das práticas culturais, oferecem ferramentas fundamentais para compreender a historicidade do discurso. Michel de Certeau, no seu livro “A escrita da História”, rompe com a noção de discurso como simples instrumento de transmissão de conteúdos. Ele o concebe como uma prática situada, marcada por sua inserção no tempo, nas instituições e nas relações de poder. Como afirma: “o discurso opera sobre o tempo e a memória” (CERTEAU, 1994, p. 237), ou seja, todo enunciado atua sobre o presente por meio da mobilização de passados selecionados e da projeção de futuros imaginados. Trata-se de um ato performativo que reorganiza os sentidos disponíveis e reposiciona os sujeitos no tempo histórico.

Essa concepção implica compreender o discurso não apenas como forma, mas como estratégia. Ao evocar o passado, seja por rememoração ou distorção, e ao antecipar o porvir, a narrativa não retrata a realidade, mas intervém nela. Como reforça Certeau, “a memória é fabricada a partir das exigências do presente” (1994, p. 72), o que evidencia o caráter seletivo e interessado da enunciação. Na prática discursiva contemporânea, especialmente no ambiente digital, essas operações tornam-se ainda mais explícitas.

Roger Chartier, por sua vez, contribui com a compreensão das condições materiais e sociais da produção e circulação dos discursos. Na obra “A História Cultural: entre práticas e representações”, ele destaca que os sentidos não residem apenas nos textos, mas nas formas pelas quais eles são lidos, interpretados e apropriados pelos sujeitos. “A significação de um discurso depende das formas de sua circulação e dos dispositivos que o enquadram” (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim, mudanças nas tecnologias e nos formatos comunicacionais implicam transformações nas práticas discursivas e, portanto, nas formas de produção de sentido.

À luz dessas contribuições, pode-se afirmar que vivemos hoje um novo estágio na história da comunicação, marcado por uma radical transformação das formas de propagação e apropriação dos discursos. Na era das redes digitais e dos fluxos multimodais, a comunicação torna-se predominantemente representativa, operando por meio de estratégias simbólicas que privilegiam o impacto emocional em detrimento da argumentação racional.

Esse panorama se caracteriza pela fusão entre política e espetáculo, entre comunicação e entretenimento. A razão pública, que antes se baseava em debates, mediação feita por instituições e troca de argumentos, agora dá espaço a demonstrações de lealdade emocional, a histórias que dividem as pessoas e as encenações que mostram conflito de maneira simbólica. O discurso se torna uma ferramenta para marcar presença: uma maneira de ocupar o pensamento coletivo através de performances visuais.

É nesse contexto que se insere a proposta deste artigo: uma imagem extraída de um vídeo publicado por Nikolas Ferreira em janeiro de 2025, a respeito da possível taxação do PIX. O gesto de congelar um quadro do vídeo, convertendo-o em enunciado visual autônomo, evidencia como a comunicação política digital desloca-se da função informativa para a lógica do show. A fotografia analisada nas transmite um conteúdo com ambiguidade

calculada: ao afirmar que o PIX não será taxado, ao mesmo tempo insinua que tal taxação é possível. Essa duplicidade instala uma tensão que visa mais provocar do que esclarecer.

Pimenta et al. (2024), esclarece que conteúdos políticos enganosos tendem a se estruturar em torno de temas de alta visibilidade, apostando na simplificação, no alarme e no antagonismo para gerar engajamento. A imagem de Nikolas Ferreira, composta por dois quadros com expressões contrastantes, exemplifica essa estratégia: transmite simultaneamente negação e ameaça, o que mobiliza afetos e reforça divisões baseadas em identidades.

A difusão de tais conteúdos se dá em um modelo comunicacional centrado na visualização e na personalização da figura pública. Di Nubila et al. (2023) denominam esse fenômeno como *politainment*, termo que resulta da junção das palavras *politics* (política) e *entertainment* (entretenimento), usado para descrever a crescente fusão entre práticas políticas e estratégias próprias do universo midiático e espetaculoso centrado na teatralidade e no apelo emocional. Nikolas Ferreira encarna esse modelo ao construir, visualmente, um duplo papel: o de representante popular e o de alerta constante contra inimigos difusos.

Essa construção visual segue padrões amplamente utilizados por lideranças populistas nas redes. Lavrov et al. (2022) mostram que tais figuras recorrem a uma linguagem corporal que simultaneamente expressa proximidade e autoridade, reforçando o carisma pela imagem. A *mise-en-scène* do vídeo analisado revela esse equilíbrio entre acessibilidade e **divisões baseadas em identidades**.

Para além da superfície imagética, a imagem deve ser compreendida como artefato discursivo. Como destacam Castro et al. (2022), em tempos de pós-verdade, as imagens não apenas ilustram ideias: elas constroem mundos simbólicos em que o conteúdo factual é frequentemente subordinado ao impacto emocional. Nesse cenário, a alocução visual opera como prática de reorganização do presente, exatamente nos termos propostos por Certeau e Chartier.

IMAGEM E COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS REDES DIGITAIS

A comunicação contemporânea passa por uma profunda reconfiguração com a emergência das redes sociais como palanque central do debate público. Figuras públicas assumem diretamente o papel de produtoras de conteúdo sem intermediação tradicional da grande mídia. Marcado pela disseminação de desinformação e pela erosão dos filtros institucionais, vídeos e imagens que servem para informar, mas são construídos principalmente para mobilizar sentimentos, sustentar narrativas e tensionar a esfera pública. O resultado é um ambiente em que a construção de personagens midiáticos se sobrepõe ao debate programático, e a visualidade ruidosa torna-se componente indispensável da atuação política.

Consolida-se uma forma de comunicação personalista e contornada de aparatos e gestos que confirma, em novo patamar tecnológico, as teses já esboçadas por pensadores como Guy Debord sobre a primazia da imagem na vida social. Não que a exploração do elemento espetacular seja inteiramente nova na política, lideranças sempre usaram comícios, slogans e imagens de propaganda para mobilizar as massas, porém as plataformas digitais elevaram esse fenômeno a um patamar inédito. Os próprios políticos tornaram-se meios de comunicação de si mesmos, dialogando diretamente com audiências de milhões e contornando a mediação jornalística. Esse contato imediato confere uma sensação aparente de proximidade e autenticidade, mas também elimina filtros de verificação e modela a narrativa segundo os interesses do emissor.

Debord ao analisar a sociedade de meados do século XX, descreveu uma realidade mediada por representações imagéticas, na qual as relações humanas são mediadas por imagens e a experiência direta é suplantada pela contemplação de aparências encenadas: “sociedade do espetáculo” (1967). Para o autor, tudo que era vivido passa a se distanciar em forma de imagem; as relações sociais são intermediadas por espetáculos, e o conteúdo genuíno dos acontecimentos cede lugar à sua encenação (DEBORD, 1967).

Essa lógica se intensifica na contemporaneidade: lideranças políticas convertem o debate público em performances midiáticas, e parlamentares comportam-se como celebridades digitais mais interessados em produzir impacto instantâneo e adesão emocional do que em promover uma discussão aprofundada. Nikolas Ferreira insere-se nesse cenário: sua atuação política configura-se como uma encenação moldada para o consumo direto do público, orientada à produção de indignação, entusiasmo inflamado e controvérsias permanentes.

A construção de sua *persona* pública apoia-se em valores morais e identitários dramatizados de maneira simplificada e irônica, frequentemente reduzidos a símbolos visuais e slogans que seus seguidores assimilam como verdades autoevidentes. Mais do que propor políticas públicas concretas, seus conteúdos tendem a instaurar um estado de constante alarme, um pânico informacional que mantém a audiência em permanente vigilância contra ameaças sugeridas, mas raramente demonstradas.

Nesse contexto, a materialidade da política, suas propostas, implicações e consequências reais, são obscurecidas por uma sucessão ininterrupta de imagens e eventos espetacularizados. Tal dinâmica confirma a análise de Guy Debord (1997), segundo a qual a realidade cede lugar ao império das imagens. Em decorrência disso, a exibição não apenas molda identidades e opiniões, mas o faz por meio da absorção de narrativas pré-fabricadas e sedutoras na superfície, cujo sentido já se apresenta determinado, dispensando reflexão crítica.

Jean Baudrillard aprofunda essa ideia ao discutir a substituição da realidade pela informação superficial. Na obra “Simulacros e Simulação” (BAUDRILLARD, 1995), o autor argumenta que a sociedade pós-moderna é marcada por uma proliferação de signos e

imagens que não apenas distorcem a realidade, mas a substituem, configurando o que ele denomina de hiper-realidade, regime em que a distinção entre o verdadeiro e o falso se torna irrelevante.

No contexto da comunicação política digital, essa teoria revela-se particularmente pertinente: discursos e eventos políticos frequentemente se descolam de qualquer referencial concreto, operando como dissimulações concebidas para produzir efeitos imediatos. Em vez de um debate ancorado em dados verificáveis, observa-se a proliferação de narrativas e imagens autônomas, nas quais a veracidade é relegada ao segundo plano. O que ganha destaque é a capacidade de capturar a atenção, provocar emoções e mobilizar sentimentos. No caso do deputado em questão, observa-se a conversão da política em uma encenação hiperbólica: uma hiper-realidade na qual o deputado não hesita em adotar discursos simplificados, por vezes bizarros, e em realizar performances provocativas.

O uso de uma peruca loira no plenário, com o intuito de ridicularizar pautas de identidade, exemplifica essa lógica midiática voltada à amplificação simbólica. Um boato ou uma provocação, quando amplificado pelas mídias digitais, pode gerar consequências tão concretas quanto um ato político formal — como no caso da indignação popular provocada pela suposta “taxa” do PIX, ainda que inexistente.

Identificação e Caracterização da Imagem

O vídeo foi originalmente divulgado no perfil do parlamentar (em plataformas como o Instagram) e, em seguida, amplamente repercutido por seus seguidores e simpatizantes. Diferentemente de uma mensagem jornalística espontânea ou de uma peça publicitária tradicional, essa imagem configura-se como parte de uma estratégia de comunicação política direta, operada pelo próprio agente.

Do ponto de vista formal, trata-se de um quadro ou, da justaposição de dois quadros extraídos do vídeo original, fixando expressões faciais e gestos significativos do deputado no momento de sua fala. Pode-se caracterizá-la, portanto, como um fragmento visual isolado de um discurso multimodal, isto é, de um conteúdo que articula simultaneamente elementos verbais, sonoros e imagéticos para transmitir uma mensagem política. A escolha de congelar determinado instante do fluxo audiovisual revela-se intencional: permite destacar, com maior nitidez, elementos não verbais e simbólicos que estruturam a mensagem e se tornam passíveis de análise documental.

A abordagem adotada assume um viés interpretativo, considerando tanto os aspectos denotativos quanto conotativos da imagem. Denotativamente, ela representa Nikolas Ferreira falando à câmera sobre um tema específico. Conotativamente, contudo, a imagem carrega intencionalidades políticas e simbólicas que ultrapassam o conteúdo aparente. Como observam Castro et al. (2022), na era da pós-verdade, os conteúdos visuais tendem a ser impregnados de intencionalidade discursiva, frequentemente deslocando o foco do conteúdo factual para o impacto emocional (CASTRO et al., 2022).

Não é um mero registro neutro: ela é produzida e difundida com o propósito claro de cumprir uma função comunicacional estratégica. Seu conteúdo, ainda que parcialmente informativo, flerta com a desinformação: ao não esclarecer de forma cabal os fatos e ao sugerir um cenário hipotético alarmante, a peça opera predominantemente no registro da persuasão emotiva, em detrimento da informação objetiva.

Sua natureza é, portanto, ambígua: simultaneamente informativa e persuasiva. Apresenta-se um dado (“o PIX não será taxado”), ao mesmo tempo em que se insinua uma interpretação especulativa e alarmista (“a possibilidade de uma futura taxação”), com o claro e híbrido objetivo de influenciar emoções e percepções. Tal procedimento evidencia as características da comunicação política no contexto da pós-verdade, em que as fronteiras entre noticiar e manipular torna-se cada vez mais tênues.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO DOCUMENTO ICONOGRÁFICO

Para compreender o sentido da imagem em análise, é fundamental situá-la no contexto político-comunicacional em que foi produzida. Nikolas Ferreira é um jovem deputado federal brasileiro vinculado à direita populista, que conquistou notoriedade nacional, sobretudo por sua atuação agressiva nas redes sociais. Sua projeção se deu não pelo desempenho parlamentar, mas, principalmente, pela habilidade em mobilizar engajamento digital por meio de discursos inflamados, provocativos e fortemente polarizadores. Reconhecido por embates ideológicos constantes, o deputado consolidou-se como uma das vozes mais estridentes da oposição conservadora ao governo vigente: presidente Lula. Em sua retórica, constrói a imagem de um contestador do sistema, posicionando-se como alguém que ataca abertamente movimentos de esquerda e instituições as quais possa associar ideias de corrupção, elitismo e decadência moral.

Vale notar que o deputado foi eleito com uma expressiva votação em 2022, impulsionado em grande medida por sua presença online, fato que evidencia a força desse novo paradigma comunicacional. Em janeiro de 2025, quando o vídeo foi publicado, o Brasil vivia um cenário de debates econômico-fiscais acalorados: circulavam boatos de que o governo poderia vir a taxar o PIX, sistema de pagamentos instantâneos adotado massivamente pela população. A simples ideia de uma taxa sobre o PIX tocava em um nervo sensível, dado esta tecnologia se tornara sinônimo de transações fáceis e gratuitas no dia a dia.

Sua comunicação não segue os padrões protocolares da política tradicional; pelo contrário, ele faz parte de uma geração de atores políticos que performam sua mensagem em linguagem de internet, em tom coloquial e provocativo, buscando engajar seguidores fiéis e atrair atenção por meio da polêmica na esfera ampliada das redes. No caso de Nikolas Ferreira, sua própria figura é ao mesmo tempo a marca e o meio de sua comunicação. Essa abordagem tem ressonância com a estratégia do ex-presidente Jair Bolsonaro, que

rotineiramente promovia transmissões online para galvanizar apoiadores, num amálgama de informação, drama e controvérsia. Estamos diante de uma comunicação personalista que explora ao máximo os recursos de viralização das plataformas digitais. Como observam Pimenta et al. (2024), os conteúdos políticos enganosos ou sensacionalistas tendem a seguir a lógica dos tópicos em alta nas redes, estruturando-se para gerar repercussão por meio da simplificação da fala numa linguagem popular, do alarme e do confronto (PIMENTA et al., 2024).

Foi exatamente o que ocorreu com o tópico da “taxação do PIX”: ao ecoar um boato alarmante, de forma ambivalente, Nikolas Ferreira aproveitou um assunto em voga para expandir seu alcance e reforçar sua narrativa antigoverno Lula. Essa tática de comunicação se insere no ecossistema de desinformação já diagnosticado no país. D’ÁVILA (2020), ao relatar sua experiência como alvo de notícias falsas e ataques online, descreve a existência de verdadeiras redes organizadas de ódio e desinformação que manipulam temas sensíveis para espalhar medo e confusão.

A imagem de um político denunciando uma suposta medida impopular funciona como um catalisador de engajamento: reforça a indignação de quem já desconfia das instituições e alimenta a percepção de que existe sempre um “inimigo do povo” a ser combatido. Não raramente, mesmo quando autoridades desmentem oficialmente um boato, o estrago já está feito: a dúvida persiste e alimenta teorias conspiratórias, demonstrando a força de narrativas inflamadas sobre fatos desmentidos.

De forma semelhante, Carla Zambelli utilizou as redes sociais, durante as eleições de 2022, para fomentar um ambiente de confronto e alarmismo, combinando desinformação com encenações de intimidação para mobilizar sua base (COLETIVO LEGIS-ATIVO, 2025). Deltan Dallagnol, por sua vez, oriundo do Ministério Público, explorou intensamente as plataformas digitais para promover a operação Lava Jato como espetáculo midiático, assumindo o papel de comunicador e articulador direto com o público (PETRARCA; FILGUEIRAS, 2024).

No cenário internacional, estratégias semelhantes se repetem. Donald Trump utilizou o Twitter como palanque direto, pautando o debate público com mensagens breves e provocativas (DI NUBILA et al., 2023). Javier Milei, na Argentina, construiu sua *persona* digital com xingamentos, confrontos performáticos e vídeos virais, operando pela lógica da indignação (AMARAL, 2023). Tais exemplos revelam um padrão global de instrumentalização das redes como palcos políticos, nos quais o espetáculo se sobrepõe ao debate coerente.

DESCRÍÇÃO VISUAL E O *ETHOS* DISCURSIVO DA IMAGEM

A própria escolha de colocar duas cenas lado a lado reforça a narrativa: é uma construção visual semelhante à de certos memes ou montagens comparativas, que convidam o público a “ler” a contradição ou evolução entre uma imagem e outra. Em ambos os quadros, vê-se Nikolas Ferreira em primeiro plano, dirigindo-se à câmera, mas cada quadro captura uma expressão facial e uma postura corporal distinta.

No quadro da esquerda, o deputado aparece com semblante sério, porém relativamente neutro, olhando diretamente para o público e gesticulando de forma contida, possivelmente no momento em que afirma que o PIX não será taxado. Já no quadro da direita, sua expressão muda drasticamente: sobrancelhas erguidas e olhar de alerta enfatizando um ponto de preocupação, acompanhado de um gesto manual mais enfático (como a mão espalmada em tom de advertência). Essa justaposição dramática de expressões, calma assertiva de um lado, alerta alarmado de outro, cria um efeito visual que por si só já comunica a ambiguidade da mensagem. É como se ele encenasse dois papéis complementares: o de informante tranquilo e o de sentinelas alarmados. Tal composição remete a padrões visuais já observados em líderes populistas nas redes: eles buscam se mostrar simultaneamente próximos do povo e investidos de autoridade.

Segundo Lavrov et al. (2022), figuras dessa estirpe tendem a adotar uma linguagem corporal que transmita acessibilidade e força ao mesmo tempo, encarnando o duplo papel de “um de nós” e “defensor do povo” (LAVROV et al., 2022). Essa dualidade é evidente: no primeiro quadro, Nikolas Ferreira se apresenta quase como um amigo conversando diretamente com o cidadão comum; no segundo, assume a pose de um vigia indignado, pronto a alertar contra a injustiça iminente. Aliado a isso, ele aparece no vídeo trajando vestimenta cotidiana (camisa simples, sem paletó ou gravata), em um enquadramento próximo que destaca seu rosto e gestos. O fundo é neutro, mantendo o foco no comunicador. Toda essa composição robustece a sensação de proximidade visual e simbólica com o espectador.

Nesse sentido, é possível compreender a construção da imagem de Nikolas Ferreira também a partir da noção de *ethos* discursivo, tal como formulada por Dominique Maingueneau. O *ethos*, segundo o autor, não é uma qualidade pré-existente do sujeito, mas uma encenação discursiva que se articula ao enunciado: “o discurso comporta uma cenografia, uma encenação que implica um tipo de locutor e um tipo de alocutário, com uma determinada maneira de dizer e de escutar” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100). Ele constrói discursivamente uma postura que mescla autenticidade popular e autoridade precavida, encarnando o papel de alguém digno de confiança justamente porque aparenta não falar a partir de uma posição institucional, mas sim como porta-voz do senso comum indignado.

Afirma: “o PIX não será taxado”, negando a existência de qualquer medida oficial nesse sentido no presente. Imediatamente após essa afirmação, ele emenda com a

insinuação: “por enquanto, não está sendo taxado, mas fiquem atentos ao que eles vão fazer”. Essa construção discursiva engenhosa coloca a audiência em estado de alerta, de suspensão, que sugere a ideia de uma ameaça no horizonte. Essa combinação de negação e insinuação instala uma incerteza inquietante, pois o público oscila entre a aparente tranquilização e o temor implícito, predispondo-se à mobilização emocional. Desse modo, Nikolas obtém o melhor dos dois mundos retóricos, de um lado, protege-se de ser acusado de espalhar uma mentira flagrante, pois reconhece que não há taxa naquele momento; de outro, cumpre o objetivo de amedrontar o público como se a taxa fosse quase uma realidade, convocando seus seguidores a uma reação preventiva e indignada.

Sua preleção embute a clássica dicotomia populista entre “eles” e “nós”: embora não utilize essas palavras explicitamente, insinua que “eles” (os governantes) planejam lesar “nós” (o povo), reafirmando a imagem do líder que se opõe a uma elite em defesa dos cidadãos (AGGIO e CASTRO, 2020). Essa tática discursiva ilustra com precisão o que foi observado por Pimenta et al. (2024) sobre os mecanismos da desinformação contemporânea: muitas vezes, não se trata de uma falsidade explícita, mas de uma insinuação ou de um enquadramento tendencioso que explora temas sensíveis em alta para gerar comoção (PIMENTA et al., 2024). Neste caso, o tema sensível é um suposto “imposto escondido” no bolso do cidadão, e o enquadramento é construído de forma a instigar no espectador uma sensação de urgência e indignação, ainda que, oficialmente, nada tenha ocorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONFUSÃO COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA

A construção da imagem pública de figuras políticas aqui exemplificadas em Nikolas Ferreira, no atual ecossistema digital busca além de persuadir nos moldes tradicionais, mas, sobretudo, visa desestabilizar o campo discursivo como um todo. Trata-se de um método comunicacional que apostava no colapso da confiança e na saturação informacional como instrumentos de poder. Ao explorar temas sensíveis com tonalidade catastrofista, o conteúdo não pretende elucidar, mas, ao contrário, acirrar alvoroço e inquietação. A tensão entre forma e conteúdo, gesto e fala, cria uma ambigüidade de incerteza que compromete a própria capacidade de julgamento do público. O objetivo é justamente enfraquecer a clareza e fomentar um estado de vigilância emocional constante e agonística, na qual o conflito é intensificado e a estabilidade institucional é apresentada como ilusória ou mesmo ameaçadora.

O discurso deixa de ter como finalidade a informação ou o consenso e passa a se estruturar como provocação, reforçando vínculos afetivos e de pertencimento coletivo. Como observa Nancy Fraser, “a razão pública foi substituída pela manipulação simbólica, em que argumentos cedem espaço ao marketing político e à construção estratégica de identidades” (FRASER, 2001, p. 139).

Ao embaralhar informações, cria-se um terreno fértil para prédicas de força e ressentimento. A desorientação não é um efeito colateral, mas um método sistemático de ação. Claire Wardle, ainda ressalta que “a desinformação deliberada alimenta o ceticismo generalizado, tornando o público incapaz de distinguir entre fatos confiáveis e, narrativas manipuladas” (WARDLE, 2018, p. 9).

A repetição constante dessas mensagens em vídeos curtos, postagens virais e aparições midiáticas, funcionam como uma pedagogia de fidelização. Cria-se, assim, uma relação baseada no medo simbólico e no enfrentamento ininterrupto. A autoridade política, nesse contexto, desloca-se da solidez argumentativa para a aptidão em produzir conteúdos com elevado potencial de viralização. A ausência de respaldo empírico deixa de ser deficiência e converte-se em tática deliberada: quanto mais lacônico e inflamado o enunciado, maior seu poder de adesão e repercussão.

A esse quadro soma-se o que Bernard Miège define como “fragmentação do espaço comunicacional”, um processo pelo qual a lógica do capital informacional submete os fluxos comunicativos às dinâmicas do sensacionalismo e do espalhamento em rede. Para o autor, “a estrutura comunicacional contemporânea favorece a explosão de microesferas disjuntas, impedindo a formação de um discurso público coeso” (MIÈGE, 2009, p. 47). Dessa forma, o setor público deixa de operar como espaço de deliberação democrática para se converter em arena de disputas simbólicas, onde a desordem é instrumentalizada como mecanismo de dominação.

A disseminação constante de conteúdos contraditórios e a fabricação recorrente de crises visam desinformar, mas principalmente, sobrecarregar cognitivamente o público. Em tempos de pós-verdade, a confusão não é falha no sistema: é parte constitutiva de sua engrenagem política.

REFERÊNCIAS:

AGGIO, Camilo; CASTRO, Rafael Cardoso de. *Populismo e estratégias discursivas: uma proposta de tipologia da polarização afetiva*. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 33, p. 1-32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220203305>. Acesso em: 10 jun. 2025.

AMARAL, Marina. *Javier Milei também seguiu o manual de Steve Bannon*. Agência Pública, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/11/javier-milei-tambem-seguiu-o-manual-de-steve-bannon/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D’Água, 1995.

CASTRO, Rafael D. R. de; PEREIRA, Isabela C.; OLIVEIRA, Nathalia B. de. *Comunicação política, fake news e redes sociais: uma revisão sistemática da literatura*. POSTData: Revista de Reflexión y Análisis Político, v. 27, n. 1, p. 65–85, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8645264>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

CESARINO, Letícia. *O mundo do algoritmo: redes sociais, fake news e autoritarismo digital*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLETIVO LEGIS-ATIVO. *A democracia em julgamento: o caso Zambelli, dos feeds ao tribunal*. Congresso em Foco, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/coluna/109273/a-democracia-em-julgamento-o-caso-zambelli-dos-feeds-ao-tribunal>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Obra original publicada em 1967).

DI NUBILA, Karina; OLIVEIRA, Danielle; COSTA, Bruno M. da. *Technopopulism and politainment in Brazil: Bolsonaro Government's Weekly YouTube Broadcasts*. Media and Communication, v. 11, n. 2, p. 137–147, 2023. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/6470>. Acesso em: 3 abr. 2025.

D'ÁVILA, Manuela. *Por que lutamos? Um livro sobre amor e liberdade*. São Paulo: Planeta, 2020.

FRASER, Nancy. "Repensando a esfera pública: uma contribuição à crítica da democracia realmente existente". In: HOLUB, Renate (org.). *Habermas e a esfera pública*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LAVROV, Ilya; PERLINA, Irina; KHACHATURYAN, Anna. *Visual communication strategy of populist leaders on Instagram in 2020*. Dígitos – Revista de Comunicación Digital, n. 8, 2022. Disponível em: <https://revistadigital.com/index.php/digitos/article/view/238>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenários enunciativos*. São Carlos: Pedro & João, 2008.

MIÈGE, Bernard. *A sociedade conquistada pela comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

PIMENTA, Ricardo M.; SILVA, Laura C. F. da; BARBOSA, Gabriela B. *A mecânica da desinformação eleitoral: fake news e o paralelo com as “trend topics” das redes sociais em 2022*. Encontros Bibli, v. 29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2024.e100310>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/pQnFBqBYcKw9XRhPNp3MwSG/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

PETRARCA, Fernanda Rios; FILGUEIRAS, Carlos Henrique. *Do voluntarismo político ao populismo jurídico: a gramática da operação Lava Jato nas mídias sociais*. Opinião Pública, 2024 (no prelo). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/cxvr465Jkm35y4JbdBnDhF/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral. *Programa Permanente de Enfrentamento à Desinformação no âmbito da Justiça Eleitoral: plano estratégico – eleições 2022*. Brasília: TSE, 2022. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/desinformacao/arquivos/programa-permanente-de-enfrentamento-a-desinformacao-novo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

UNESCO. *Desinformação online: UNESCO divulga plano de ação para regular plataformas de redes sociais*. Comunicado de Imprensa, 6 nov. 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/desinformacao-online-unesco-divulga-plano-de-acao-para-regular-plataformas-de-redes-sociais>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Strasbourg: Council of Europe, 2018.